

## DE ROLIÚDE AO SERTÃO – UM ESTUDO PRÁTICO DOS PALIMPSESTOS CARNAVALESCOS DA IMAGEM-MOVIMENTO

Data de submissão: 29/03/2023

Data de aceite: 02/06/2023

**Leonardo Augusto de Jesus**

Doutorando em Artes Visuais/PPGAV-  
EBA-UFRJ

Rio de Janeiro – RJ

<https://lattes.cnpq.br/7497028192517336>

**RESUMO:** O cinema compõe o imaginário da humanidade e se constitui em forma matricial que se exprime nas demais representações, alcançando também as Escolas de Samba do Rio de Janeiro. Assim, tomo de empréstimo o conceito de Gérard Genette (1989) para denominar as imagens cinematográficas que se apresentam subjacentes às visualidades apresentadas pelas Escolas de Samba como palimpsestos carnavalescos da imagem-movimento. Fenômeno que se apresenta sob variados planos conforme as relações que se estabelecem entre o visível e o dizível. Análise, neste artigo, o trabalho de campo que me possibilitou a aplicação prática dos aspectos teóricos de minhas investigações quando desenvolvi o enredo *De Roliúde ao Sertão: Luz, Câmera, Ação!* no desfile do GRES. Acadêmicos do Engenho da Rainha em 2020. Através de múltiplas referências textuais e imagéticas à cinematografia

nordestina, busquei operar as visualidades carnavalescas segundo a função frase-imagem identificada por Jacques Rancière (2012) no seio da modernidade para promover o choque de elementos heterogêneos destinados a convocar o espectador a uma tomada de consciência. Desta forma, o desfile constituiu-se em uma grande parataxe, abordando debates necessários à sociedade brasileira naquele ano a partir de imagens cinematográficas de reconhecimento imediato e desempenhando simultaneamente papel relevante na consolidação e transmissão da memória do cinema nacional.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cinema. Escolas de Samba. Intertextualidade. Palimpsesto. Representação.

### FROM ROLIÚDE TO BRAZILIAN SERTÃO – A PRACTICAL STUDY OF PALIMPSESTS OF THE MOVEMENT IMAGE IN SAMBA SCHOOLS

**ABSTRACT:** Cinema makes part of humanity imaginary and is constituted in a matricial form that is expressed in other representations, also reaching the Samba Schools of Rio de Janeiro. Therefore, I borrow the concept of Gérard Genette

(1989) to name the cinematographic images that underlie the visualities presented by the Samba Schools as carnivalesque palimpsests of the movement-image. Phenomenon presented under different planes according to the relationships that are established between what is seen and what is said. In this article, I analyze the fieldwork that enabled me to put into practice the theoretical aspects of my investigations when I developed the them *From Roliúde to Brazilian Sertão: Light, Camera, Action!* on the parade of the GRES. Acadêmicos do Engenho da Rainha in 2020. Through multiple textual and imagery references to northeastern cinematography, I sought to operate the visualities according to the phrase-image function identified by Jacques Rancière (2012) within modernity to promote the encounter of heterogeneous elements destined to call the spectator to an awareness. In this way, the parade constituted a great parataxis, addressing debates necessary for Brazilian society that year from cinematographic images of immediate recognition and simultaneously playing an important role in the consolidation and transmission of the memory of national cinema.

**KEYWORDS:** Movie. Samba Schools. Intertextuality. Palimpsest. Representation.

## 1 | INTRODUÇÃO

Ao tomar de empréstimo a figura dos palimpsestos literários consagrada por Gérard Genette (1989), analisei, de forma análoga, as diferentes relações segundo as quais as visualidades das Escolas de Samba do Rio de Janeiro apresentam subjacente a si determinada imagem cinematográfica e apresentei minhas conclusões no artigo *Palimpsestos carnavalescos da imagem-movimento*, onde reconheci que o cinema integrou suas imagens ao inconsciente estético da humanidade e tornou-se modelo comportamental e de pensamento. Sua aura – o *espírito cinema* afirmado por Lipovetsky e Serroy (2009, p. 26) – transcendeu à tela-espetáculo para tornar-se forma matricial para as práticas e representações: cinefagocitose que alcançou também as Escolas de Samba do Rio de Janeiro.

Assim, denominei como palimpsestos carnavalescos da imagem-movimento os planos segundo os quais uma imagem carnavalesca emula determinada imagem do cinema. Identifiquei a existência de quatro tipos de operações quanto à forma como tais palimpsestos visuais se relacionam à sinopse do enredo. Representativo é o palimpsesto que opera em conformidade com uma relação aristotélica de semelhança, submetida ao ordenamento causal da narrativa carnavalesca; a imagem carnavalesca pretende tão somente ilustrar a sinopse *iconizando* determinada produção cinematográfica ali mencionada. O palimpsesto indexical apresenta subjacente a si uma imagem cinematográfica que funciona na potência do *índice*: permite uma associação de ideias capaz de comunicar determinada mensagem. O palimpsesto simbólico promove o choque de elementos heterogêneos para transmitir metaforicamente uma mensagem contida na sinopse; opera sob a função *frase-imagem*<sup>1</sup> que convoca o espectador à sua decifração e a uma tomada de consciência

---

<sup>1</sup> A *frase-imagem* apresenta-se como a união da função textual e da função imageadora pela forma como ambas desfazem a relação representativa do texto com a imagem: “é a unidade que desdobra a força caótica da grande parataxe

sobre determinado tema (RANCIÈRE, 2012). Por fim, o palimpsesto ostensivo exhibe uma imagem cinematográfica que se autorreferencia: sua presença se desdobra em mera apresentação de si e renuncia a qualquer significação oculta; pretende o reconhecimento imediato enquanto imagem destinada a despertar o deleite estético dos espectadores, desvinculando-se da mensagem textual da sinopse.

As reflexões que conduziram àquelas formulações surgiram em duas frentes de investigação: a análise dos desfiles realizados a partir dos anos 1980 que apresentaram imagens consagradas nas telas do cinema; e o trabalho de campo na função de produtor de visualidades carnavalescas. Isto porque, além de pesquisador do carnaval, atuei como carnavalesco do GRES. Acadêmicos do Engenho da Rainha, agremiação que me permitiu desenvolver um estudo prático dos palimpsestos carnavalescos da imagem-movimento no desfile oficial em 2020.

Apresento, neste artigo, as conclusões a que cheguei ao desenvolver o enredo *De Roliúde ao sertão: Luz, câmera, ação!*

## 2 | O DESFILE DO DIZÍVEL AO VISÍVEL

As apresentações das Escolas de Samba colocam palavras e imagens em uma relação dialética. A produção dos desfiles inicia-se com a elaboração da sinopse do enredo<sup>2</sup>, o texto fundamental que, juntamente com o roteiro do desfile, chamo de *dizível* e irá se desdobrar materialmente na *mise-en-scène* carnavalesca em sons e imagens – o *visível*. No caso em tela, optou-se por abordar a cultura nordestina através de uma perspectiva cinematográfica.

A apresentação da sinopse, informal e pouco informativa, pretendia a *captatio benevolentiae* do leitor. A justificativa demonstrava a relevância da abordagem proposta. A sinopse foi escrita em versos, como um folheto de cordel. A narrativa conectava filmes consagrados com a própria agremiação desfilante:

Um dia cheguei ao Rio de Janeiro, / Eu, retirante que sou, / *Paraíba*, sim, *sinhô!*  
/ Na “Central do Brasil” embarquei, / Com *sodade* da minha terrinha, / Mas um  
novo lar encontrei / Na Estação Engenho da Rainha. / Senhoras e senhores  
espectadores, / Chegou a hora de um feliz final! / Toque o fole, sanfoneiro! /  
Tira onda, batuqueiro! / “Eu, tu, eles”, vamos todos forró-sambar! / Baianas,  
cabrochas e ritmistas, / Partideiros e repentistas, / No tapete vermelho e branco  
/ Fazem um grande musical! / Aplaudido pelo público, / Premiado pela crítica,  
/ Num desfile triunfal / Desce o Morro do Engenho: / Na Primeira Academia, /  
Todo filme sempre acaba em CARNAVAL! (JESUS, 2019, p. 4, 5)

---

em potência frástica de continuidade e potência imageadora de ruptura” (RANCIÈRE, 2012, p. 56).

<sup>2</sup> Segundo Farias, enredo é “a peça fundamental que desencadeia o complexo macrotexto audiovisual do desfiles das Escolas de Samba” (2007, p. 13). Sob a perspectiva literária, pressupõe o encadeamento narrativo de ações; sob uma perspectiva semiótica, propõe um conjunto de signos visuais a serem decodificados.

## 2.1 As visualidades de uma *Roliúde* nordestina

O trecho final da sinopse incluía o verso “*Paraíba, sim, sinhô!*”, em virtude da lamentável declaração em que o então Presidente da República chamou os Governadores nordestinos de *paraíba*. Ademais, alguns meses depois, ocorrera o infeliz episódio em que diversos cartazes de películas clássicas do cinema nacional haviam sido retiradas das paredes da ANCINE.



**Figura 1** – Apresentação da comissão de frente para os jurados.

Fonte: Site Carnavalesco. Disponível em <https://www.carnavalesco.com.br/engenho-da-rainha-traz-hollywood-para-o-nordeste-brasileiro-em-desfiles-com-altos-e-baixos/>

A sinopse serve como texto base para a composição do samba-enredo. Desta forma, solicitei aos compositores que transcrevessem na letra do samba a frase “*Paraíba, sim, sinhô!*”, para usá-la como ferramenta dramática na apresentação da comissão de frente. O grupo encenou a chegada do cinema a uma cidade do interior nordestino: oito casais entravam no cinema desejando admirar galãs e mocinhas com aparência eurodescendente e se deparavam com uma protagonista sertaneja, cuja beleza decolonial os fazia assumir sua cultura e o orgulho de serem nordestinos. No clímax da apresentação, o verso era gritado pelos componentes da comissão de frente, que revelavam cartazes de filmes até então ocultos para realizar um ato de resistência em defesa do cinema nacional. Os cartazes, portanto, foram empregados por sua potência enquanto palimpsestos simbólicos, destinados a uma tomada de consciência pelo espectador.

Após a comissão de frente, apresentou-se o casal de Mestre-sala e Porta-bandeira em figurinos em preto e branco e com referências ao cinema e ao Nordeste, seguidos de duas alas igualmente em preto e branco. O objetivo dessa escolha cromática era promover um choque visual entre a estética do cinema clássico e o colorido da cultura nordestina. Ademais, tal escolha conseguiu um efeito de destaque para a cor vermelha na

bandeira da agremiação.

O abre-alas, *A riqueza de uma cultura fértil*, introduzia a temática proposta e anunciava o início da sessão no *Cine Engenho da Rainha*, associado ao trecho da justificativa que enfatizava a fertilidade da cultura nordestina em oposição à aridez do sertão. Desta forma, a alegoria exibia cartazes de grandes sucessos da cinematografia nordestina sobre um tecido estampado com a aparência do “chão rachado” e rodeados por cactos e esculturas de tipos sertanejos além de uma grande cabeça de cangaceiro. Imagens que funcionaram como palimpsestos representativos e simultaneamente ostensivos. Como palimpsesto representativo, ilustravam *ipsis litteris* determinado trecho da sinopse. Como palimpsesto ostensivo, pretendiam o reconhecimento imediato do público enquanto imagem cinematográfica. Tratava-se de uma estratégia para obter a identificação imediata do enredo proposto, uma vez que os desfiles dos grupos de base do carnaval carioca não dispõem da mesma divulgação que aqueles desenvolvidos para o Grupo Especial, sendo comum que os espectadores compareçam às arquibancadas sem terem qualquer conhecimento sobre os temas que serão apresentados. A compreensão inequívoca do enredo seria fundamental para despertar o interesse do público e garantir o sucesso do desfile.

A ala *O cenário do agreste* constituiu outro exemplo de imagem operada enquanto palimpsesto representativo e ostensivo simultaneamente. Representativo por estabelecer uma relação de representação com o trecho da sinopse que afirmava a aridez da caatinga como o cenário perfeito para os filmes de ação; ostensivo porque, ao mesmo tempo, fazia referência ao filme *Mandacaru vermelho*: no figurino dos componentes destacava-se um grande mandacaru confeccionado em vime e forrado com renda vermelha, recurso que promovia o entendimento imediato do significado pretendido, inclusive por parte de quem desconhecesse a película.



**Figura 2** – Ala *O cenário do agreste*.

Fonte: Acervo pessoal do autor.



**Figura 3** – Ala *Maracatu nazareno*.

Fonte: Riotur. Fotógrafo: Nelson Perez. Disponível em <https://www.flickr.com/photos/riotur/49586726412/>.

Por sua vez, a fantasia da ala *Maracatu nazareno* operava enquanto palimpsesto simbólico: promovia um choque de elementos heterogêneos – os guarda-chuvas do maracatu e os chapéus com chifres vermelhos – para convocar o espectador a uma reflexão sobre a intolerância religiosa de líderes evangélicos na Zona da Mata pernambucana, tema abordado pela película *Azogue Nazaré*.

O filme *Boi Neon* serviu como referência visual para a ala *Boiada Multicolor*, cujo figurino pretendia apropriar-se da estética do cartaz do longa-metragem para abordar, a partir da experiência do vaqueiro *Iremar*, as construções identitárias e a sensação de pertencimento na região do semi-árido nordestino, microcosmo que, no desfile, funcionou como metáfora para toda a sociedade brasileira.



**Figura 4** – Protótipo confeccionado para adereço de cabeça da ala *Boiada Multicolor*, inspirado no cartaz do filme *Boi Neon*.

Fonte: Acervo pessoal do autor.

A proposta original para a fantasia consistia em uma *segunda pele* rosa-choque, um saiote em pelúcia e um chapéu que trazia uma cabeça de vaca esculpida em espuma e forrada com pelúcia, enfeitado com plumas azuis e penas artificiais confeccionadas com chitão de base amarela, além de tiras cortadas também no mesmo tecido.

Saiote e chapéu deveriam receber uma pintura de arte inspirada no cartaz de *Boi Neon*, conforme protótipo realizado previamente. Por questões orçamentárias, não foi possível realizar a pintura de arte pretendida nos saiotes e nos adereços de cabeça. Tal episódio, felizmente, não comprometeu a leitura da fantasia e o entendimento dos seus significados enquanto palimpsesto simbólico.



**Figura 5** – Ala *Boiada Multicolor*.

Fonte: Acervo pessoal do autor.



**Figura 6** – Ala *Capitão Lamarca e outros cabras-machos*.

Fonte: Acervo pessoal do autor.

Considerando a quantidade de segmentos do desfile, não foi possível apresentar uma ala ou uma alegoria para cada filme referido na sinopse. O enredo *De Rolúde ao Sertão: Luz, Câmera, Ação!* desdobrou-se materialmente em apenas 15 alas e 3 alegorias. Desta forma, algumas películas foram agrupadas em uma mesma imagem carnavalesca tendo em vista a aproximação entre suas temáticas e seus argumentos. *Lamarca*, personagem histórico e protagonista do filme homônimo, emprestou seu nome também à ala que fazia referência a todos os filmes que abordam a resistência armada no sertão nordestino, como



*Guerra de Canudos e Bacurau.*

No figurino da ala destacava-se uma grande cabra vermelha, cor associada ao socialismo e à luta dos movimentos de esquerda. Completavam o figurino camiseta, calça e braceletes confeccionados em tecido camuflado, além de aplicações do mesmo tecido com fitas de cetim verde e amarela no chapéu e no corpo da cabra.

### **3 | O ROTEIRO DO DESFILE**

Além da sinopse do enredo, produz-se também um documento denominado *roteiro do desfile*, que é enviado tão somente à instituição que promove a competição para ser distribuído aos julgadores e à imprensa que realiza a cobertura e transmissão do espetáculo.

Jurados e jornalistas, assim, se tornam espectadores privilegiados do evento, que dispõem da informação textual em sua completude e podem relacioná-la adequadamente às visualidades apresentadas. Para corrigir tal distorção e facilitar o entendimento dos palimpsestos no enredo *De Roliúde ao Sertão: Luz Câmera, Ação!*, apresento, a seguir, o roteiro geral do desfile, enviado à instituição organizadora do espetáculo.

Segmento	Nome	Significado
Comissão de frente (12 componentes)	Cine Engenho da Rainha: <i>Paraíba, sim sinhô!</i>	<p>A comissão de frente encenará a empolgação dos moradores com a chegada da sétima arte a uma cidade do interior nordestino. Uma elite latifundiária veste sua melhor roupa e se enfeita de cores para a <i>première</i>. Guiados pelo lanterninha, entram no cinema acreditando que vão suspirar com galãs e mocinhas de pele branca, cabelos loiros e olhos azuis. Mas para seu espanto, os protagonistas do filme representam os tipos sertanejos por eles explorados. Nesta sessão carnavalesca de cinema, se materializam em frente aos espectadores a professora <i>Olívia</i> (interpretada por Marisa Prado em <i>O Cangaceiro</i>), a bandoleira <i>Rosa</i> (interpretada por Yoná Magalhães em <i>Deus e o Diabo na Terra do Sol</i>) e o Cristo negro <i>Emanuel</i> (interpretado por Maurício Gonçalves em <i>O Auto da Compadecida</i>). As belezas brejeiras da ingênuza <i>Olívia</i> e da sensual <i>Rosa</i> encantam os espectadores, enquanto a mensagem de amor e compaixão de <i>Emanuel</i> toca os seus corações. Ao longo do filme, percebem que lugar igual ao deles não há e ao fim da sessão, assumem o orgulho de serem nordestinos. A encenação, então, dá lugar a um ato de resistência em defesa da cultura nordestina e do cinema nacional. Em dezembro de 2019, a ANCINE retirou da parede os quadros com cartazes de filmes considerados “inadequados” pela sua atual diretoria. Dentre eles, “Deus e o Diabo na Terra do Sol”, aclamado em todo o mundo (redondo) como o melhor filme brasileiro de todos os tempos! Por isso, neste momento, os componentes exibem cartazes de clássicos da filmografia nordestina e afirmam em alto e bom som: PARAÍBA, SIM SINHÔ!</p> <p>Oito componentes representarão os espectadores. Seus figurinos inspiram-se na Belle Époque, estilo da moda francesa cuja influência se fez presente em todas as grandes cidades brasileiras no começo do século XX. Naquela época, as capitais nordestinas também se “afrancesaram”. O ponto de partida de nosso enredo é o filme “O Cangaceiro”, de 1953, quando a moda da Belle Époque já não era mais seguida pelos habitantes das cidades grandes. Entretanto, optou-se por essa silhueta para representar uma elite ruralista atrasada, que, apesar de cafona, pensa estar na última moda. O lanterninha usa um figurino vermelho e branco, em homenagem às cores do GRES. Acadêmicos do Engenho da Rainha. <i>Olívia</i>, <i>Rosa</i> e <i>Emanuel</i> usam figurinos inspirados em seus personagens homônimos das telas do cinema.</p>
Primeiro casal de Mestre-sala e Porta-bandeira	O galã e a mocinha	Protagonistas do desfile de qualquer escola de samba, ninguém melhor que o primeiro casal de Mestre-sala e Porta-bandeira para representar o galã e a mocinha, personagens principais do filme que hoje exibimos no Cine Engenho da Rainha!
Ala 1 (25 componentes)	Fotogramas	Denomina-se fotograma cada uma das imagens impressas na película cinematográfica. Projetados sobre uma tela a uma velocidade constante, produzem no espectador a sensação de movimento. Assim como no carnaval, o que vemos no cinema é pura ilusão!

Ala 2 (35 componentes)	O Diretor	Não existe filme sem um diretor: a ele cabem as escolhas narrativas e a palavra final sobre as decisões estéticas. Atores, cenógrafos, figurinistas, iluminadores, maquiadores, etc... todos os profissionais da indústria cinematográfica se tornam “supermarionetes” em suas mãos. Além de todos os cineastas brasileiros que dirigiram filmes sobre o Nordeste, esta ala homenageia também Orson Welles, diretor norte-americano que, em 1942, embarcou rumo ao Nordeste do Brasil para filmar “ <i>Four Men on a Raft</i> ”, filme que contaria a história verídica da viagem marítima de quatro jangadeiros cearenses ao Rio de Janeiro. O projeto foi suspenso, dentre outros motivos, pelo descontentamento de autoridades do governo brasileiro com a presença de muitos negros nas imagens. O material foi redescoberto nos anos 1980, e lançado em 1993 com o título de “É tudo verdade – Um filme inacabado de Orson Welles”. Da Hollywood de lá pra Roliúde de cá, Mr. Welles cai no samba para homenagear todos os diretores que projetam nas telas a cultura e a beleza nordestinas.
Ala 3 (40 componentes)	Meu bode é rei	No Cariri paraibano, localiza-se a cidade de Cabaceiras, intitulada “Roliúde Nordestina” por ter sido escolhida como locação das filmagens de mais de 30 filmes. O Memorial Cinematográfico de Cabaceiras exhibe fotografias, roteiros e material usado nas gravações. Entre os meses de maio e junho, ocorre a Festa do Bode-Rei, a principal da cidade, que tem como ponto alto a coroação de um bode.
Alegoria 1 (16 componentes)	A fértil cultura de uma terra seca	A riqueza de uma cultura que floresce em meio às adversidades da região: esse é o verdadeiro motivo do grande sucesso dos filmes ambientados no Nordeste do Brasil!
Destaque Nilo Cesar Barbosa	Sol Inclemente	Muito presente na vida e na rotina das populações nordestinas, o Sol representa a luz que é fonte de vida e calor ao mesmo tempo em que racha o solo e arrasa as plantações. Verdadeiro anti-herói, amado e odiado, sua importância é tamanha que Glauber Rocha escolheu rebatizar o Nordeste como “Terra do Sol”, no filme que é considerado a sua grande obra prima.
Destaque Ronaldo Reis	Luar do Sertão	“Lua bonita, meu São Jorge é teu senhor e é por isso que ele véve pisando no teu esplendor”... os versos do cancionista regional compõem a elogiada trilha sonora do filme “O Cangaceiro” e mostram que a Lua é tão importante quanto o Sol na cultura popular nordestina. As cenas noturnas da película mostram as festas dos bandoleiros ao luar e ao som da sanfona e da viola.
Ala 4 (40 componentes)	O cenário do agreste	Desde o “Ciclo do Cangaço”, a aridez da caatinga se mostrou o cenário perfeito para os filmes de ação ambientados no Nordeste. O figurino dessa ala faz referência ao filme “Mandacará Vermelho”. Clara, a mocinha do filme, apesar de estar prometida a outro homem, se apaixona por um vaqueiro e com ele foge para se casar. Mas sua família os persegue com sede de vingança. O sangue que escorre desse confronto tinge o solo e faz brotar uma nova espécie: o mandacaru vermelho.

Musa Jéssica Guirgo	O Dragão da Maldade	Na cultura popular nordestina, as figuras diabólicas personificam todo o mal que assola a população sertaneja. Inspiraram diversos personagens, como o cangaceiro Satanás de “Deus e o Diabo na Terra do Sol” e o Diabo de “O Auto da Compadecida”. De forma metafórica, aparecem também em títulos de filmes, como “O Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro” e “Corisco, o Diabo Loiro”.
Ala 5 (30 componentes)	Maracatu Nazareno	O recém-lançado “Azougue Nazaré”, rodado na cidade pernambucana de Nazaré da Mata, aborda a intolerância religiosa, mostrando como o maracatu é associado a práticas demoníacas pelos líderes evangélicos da região.
Ala 6 (30 componentes)	Boiada multicor	Retrata a vida de gado de um povo marcado, porém feliz, a partir da estética do cartaz do longa “Boi Neon”, que conta a história de um vaqueiro cujo maior sonho é tornar-se estilista.
Ala 7 – Passistas (30 componentes)	<i>Sex Symbols</i> Tupiniquins	Nossos passistas representam o Cacique Itaparica e sua filha Paraguaçu, personagens de “Caramuru, a Invenção do Brasil”. No longa-metragem, o diretor Guel Arraes mostra que desde os tempos do Brasil colonial a mulher nordestina é vista como símbolo de sensualidade.
Rainha de Bateria	Maria Bonita, Rainha do Cangaço	Representa o filme homônimo de Miguel Borges, que integra o “Ciclo do Cangaço” no cinema brasileiro e retrata a vida da companheira de vida e resistência de Lampião.
Bateria (120 componentes)	Bando de Cangaceiros	O banditismo social brasileiro ocorrido no Nordeste do país entre meados do século XIX e início do século XX foi grande fonte de inspiração para o cinema nacional. Diversos cangaceiros tiveram suas histórias contadas em roteiros de ação e aventura, como “O Cangaceiro”, “Corisco, o Diabo Loiro”, “Lampião, o Rei do Cangaço”, “A Morte comanda o Cangaço”, dentre outros. E inspiraram até mesmo comédias, como “Os Três Cangaceiros” e “O Primo do Cangaceiro”.
Ala 8 (30 componentes)	Cupido Cabra-da-pesto	“Amor é isso mesmo. A gente se encontra de repente e descobre que um esteve a vida inteira esperando pelo outro.” Na primeira cena romântica da nossa Roliúde, a professora Olívia e o bandoleiro Teodoro trocam declarações de amor. A eles, se seguiram tantos outros corações apaixonados... De Lampião e Maria Bonita ao amor LGBTQIA+ de “Praia do Futuro”, passando pelo triângulo amoroso sobrenatural de “Dona Flor e seus dois maridos” e pelo poliamor de “Eu, tu, eles”, o Cupido Cabra-da-pesto flecha geral, sem preconceitos e abraçando todas as formas de amar!
Destaques de chão	Dona Flor e seus dois Maridos	Dona Flor (Samile Cunha), com toda sua sensualidade, salta da tela do cinema para cair no samba ao lado do atual marido Teodoro (Rodrigo Brabo). Mas Vadinho (Jonathan Avelino), seu primeiro marido, falecido num domingo de carnaval, ressuscita nesta terça-feira gorda para se intrometer no casal e animar o nosso desfile!
Ala 9 (30 componentes)	Capitão Lamarca e outros cabras-machos	Lamarca, o capitão mais arretado do Exército Brasileiro, se une a Antônio Conselheiro e aos cabras-machos de “Bacurau” nessa ala que representa os filmes de guerra que retratam a resistência armada no sertão.
Alegoria 2 (2 componentes)	Cowboys vs. Cangaceiros	O duelo entre gringos e sertanejos pela posse da terra em “Bacurau” ganha um toque lúdico inspirado na animação “Toy Story” da Hollywood de lá, revisitando ainda as batalhas entre cristãos e mouros, representadas nas cavalhadas, tradicionais em alguns Estados do Nordeste.

Destaques	Carcarás	A temida ave da rapina do sertão, que pega, mata e come!
Ala 10 (25 componentes)	Autos de fé	A religiosidade, o catolicismo popular e o sincretismo são recorrentes na filmografia nordestina em histórias que contam a resistência de um povo pela fé. Valei-me, <i>Padim Ciço!</i> Salve o Beato Sebastião! Epahey, lansá! Nessa “Tenda dos Milagres”, “Deus é Brasileiro” e é nordestino!
Ala 11 (30 componentes)	Demônio da Cobiça	Cão, encourado, cramunhão... não importa por quantos nomes o diabo seja conhecido por lá, nossos cineastas costumam associá-lo aos pecados da cobiça, ganância e avareza.
Ala 12 (30 componentes)	Mãos ao alto!	Os filmes “Assalto ao Banco Central” e “Aquarius” mostram como a temática da ganância pode ser abordada no cinema sob óticas diferentes: de um lado do figurino, a mão que carrega sacos de dinheiro representa a quadrilha de assaltantes que põe as mãos no dinheiro de todos nós; do outro, a mão capitalista que se beneficia da especulação imobiliária assedia e angustia uma viúva oferecendo-lhe moedinhas pelo seu apartamento à beira-mar.
Ala 13 (25 componentes)	Espantalhos	A cultura nordestina é cheia de ritmo, então não poderia faltar um musical na nossa Roliúde! Essa musicalidade envolvente foi captada pelas lentes do diretor Sérgio Ricardo em “A Noite do Espantalho”, estrelado por Alceu Valença. Apesar do título, a maioria das cenas passam-se durante o dia, debaixo de sol forte, tendo a seca papel importante no desenrolar da trama. Nesta ala, os componentes representarão um milharal com espantalhos.
Grupo de Pernaltas	Sol	Representam o sol que assola a população oprimida pelo Coronel Fragoso no musical “A Noite do Espantalho”.
Musa Dandara Rodrigues	Tricolor de Aço	O documentário “Meu Tricolor de Aço” mostra que os nordestinos também são bons de bola!
Ala 14 - Baianas (40 componentes)	Nordeste, teu Engenho é da Rainha	As mulheres rendeiras que chegaram ao Morro do Engenho, ensinaram a fazer renda e aprenderam a sambar! Hoje, são as matriarcas de muitas famílias da Comunidade, desempenhando papel fundamental na preservação do samba e da cultura nordestina na localidade.
Segundo Casal de Mestre-sala e Porta-bandeira	A primeira Academia	Desde o começo de sua formação, a Comunidade do Morro do Engenho recebeu migrantes do Nordeste do Brasil. Toda a riqueza cultural que trouxeram na bagagem influenciou na formação de nossa escola de samba, que é aqui homenageada pelo segundo casal de Mestre-sala e Porta-bandeira em um figurino em verde e rosa, as cores originais da Acadêmicos do Engenho da Rainha em sua fundação.

Ala 15 (25 componentes)	SerTOON	A comunidade nordestina do Engenho da Rainha desce o morro em romaria para cair no samba e exibir na Intendente Magalhães o orgulho de sua terra natal. Esta ala é formada por figurinistas e artistas plásticos oriundos da Escola de Belas Artes da UFRJ e da Pós-graduação em Figurino e Carnaval da Universidade Veiga de Almeida, que aceitaram o convite de desenhar e confeccionar um figurino individualizado, usando como referência a estética dos desenhos animados, caracterizados por cores fortes e formas exageradas. Nessa proposta inédita de um cartoon sertanejo, representarão, de forma lúdica, a fé e a esperança daqueles que migraram em busca de melhores condições de vida e encontraram um novo lar no Morro do Engenho. O adereço em formas de grandes mãos dá unidade aos figurinos: a mão que dedilha a sanfona é a mão que reza para a <i>Vixe Maria</i> e a mesma que batuca o pandeiro!
Alegoria 3 (06 componentes)	<i>And the winner is...</i>	A mistura da Hollywood de lá com a Roliúde de cá deu tão certo que rendeu até frutos. Neste Festival Carnavalesco de Cinema, a Primeira Academia encerra seu desfile aplaudida pelo público, aclamada pela crítica e premiada com a <i>Oscarina</i> , filha do gringo Oscar com a sertaneja Severina. Com seu traje de gala, a Velha Guarda representa os indicados ao troféu e assume lugar de destaque na alegoria para a cerimônia de entrega do prêmio <i>Oscarina 2020</i> .

Fonte: Acervo do autor

## 4 | CONCLUSÃO

Ao abordar a cinematografia nordestina, o desfile do GRES. Acadêmicos do Engenho da Rainha no carnaval 2020 obviamente foi atravessado por diversas imagens do cinema nacional. Não apresentei todas detalhadamente neste artigo; destaquei aquelas que se demonstraram mais potentes enquanto palimpsestos carnavalescos da imagem-movimento.

As investigações teóricas possibilitaram-me concluir a existência de quatro planos de relações entre o dizível da sinopse de um enredo e as imagens cinematográficas subjacentes às imagens carnavalescas: representativa, indexical, simbólica e ostensiva. Rol que não se pretendeu taxativo, mas aberto a revisões, pois o desfile das Escolas de Samba constitui evento dinâmico no tempo e no espaço, e se redefine constantemente desde o seu surgimento nos anos 1930.

Por sua vez, o trabalho de campo conduziu-me a outra perspectiva. Como produtor da imagem carnavalesca, pude operar os palimpsestos não como modelos fixos, mas como categorias que se comunicam e podem até mesmo hibridizar-se, como nos exemplos em que funcionaram simultaneamente como palimpsestos representativos e ostensivos de imagens cinematográficas.

Ademais, a aplicação prática dos palimpsestos carnavalescos pretendia também promover a leitura clara e inequívoca do enredo *De Roliúde ao Sertão: Luz, Câmera, Ação!* A recepção do desfile demonstra haver alcançado tal objetivo: a clareza na transmissão

da mensagem foi consenso na cobertura da imprensa e na transmissão ao vivo dos desfiles; os jurados do quesito Enredo validaram a apresentação atribuindo duas notas 10,0 e duas notas 9,9; todos os jurados dos quesitos Fantasias e Alegorias e Adereços, que relacionam as imagens com a proposta textual da sinopse, atribuíram notas 10,0. Ademais, a agremiação foi indicada na categoria *Melhor Enredo* e este pesquisador agraciado como *Melhor Carnavalesco pelo Prêmio Machine Bastidores do Carnaval*.

Através do fazer artístico do carnaval, portanto, pude aplicar as minhas investigações teóricas e operar os palimpsestos carnavalescos da imagem-movimento a serviço da narrativa carnavalesca para desdobrar visualmente o dizível contido na sinopse e assim permitir aos espectadores, julgadores e crítica especializada a leitura adequada e imediata das imagens apresentadas.

## REFERÊNCIAS

- ACERVO RMARÇAL. [Desfile] **Acadêmicos do Engenho da Rainha 2020**. Youtube, 09 jul. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MJB1hEKobdw&t=144s>. Acesso em 23 set. 2021.
- FARIAS, Júlio César. **O enredo de escola de samba**. Rio de Janeiro: Literis Ed., 2007.
- GENETTE, Gérard. **Palimpsestos: la literatura en segundo grado**. Madri: Taurus, 1989.
- JESUS, Leonardo Augusto de. **De Roliúde ao Sertão: Luz, Câmera, Ação!** Sinopse de enredo do GRES. Acadêmicos do Engenho da Rainha, 2019. Disponível em: <https://www.galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/academicos-do-engenho-da-rainha/2020/>. Acesso em 25 set. 2021.
- \_\_\_\_\_. Palimpsestos Carnavalescos da Imagem-movimento. In AGUIAR, C. A.; VALLE-DÁVILA, I. (Orgs.) **Práticas e culturas cinematográficas**. Londrina: LEDI, 2022, p. 278-311.
- LIPOVETSKY, G.; SERROY, J. **A tela global: Mídias culturais e cinema na era hipermoderna**. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- RANCIÈRE, Jacques. **O destino das imagens**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.
- \_\_\_\_\_. **O inconsciente estético**. São Paulo: Ed. 34, 2009.
- SAMPAIO, Diogo. **Engenho da Rainha traz Hollywood para o Nordeste brasileiro em desfiles com altos e baixos**. Site Carnavalesco, 2020. Disponível em: <https://www.carnavalesco.com.br/engenho-da-rainha-traz-hollywood-para-o-nordeste-brasileiro-em-desfiles-com-altos-e-baixos/>. Acesso em 23 set. 2021.